

12-12-2024

O Cão de guarda

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Ele estava amarrado. De corda no pescoço, latia todo eriçado. Um moço que passou perto tentou uma gracinha. Latidos e rosnados vieram como resposta. Parecia dizer a todos: - *Esse território é meu.* Era um cão vira-lata. Pequeno porte (baixola), peludo, caramelo, brasileiro. Ele reivindicava para si o que alcança com a corda tesa. *Justo!* Pensei. *Era pouco, mas justo.* Podia defender-se dali e fazer daquele pequeno espaço o suficiente para sua proteção e para alguma condição de existência. Não devia estar amarrado, mas já que estava, sabe-se lá o motivo, achei a atitude do amigo canino bastante coerente. Enquanto o admirava e refletia sobre sua luta, limitada pela corda, aproximou-se uma senhora cadeirante, resignada, pedindo ajuda para comer. Argumentei que havia acabado de compartilhar um biscoito com um rapaz, antes de cismar-me com o amigo peludo. Ela agradeceu e professou: *Se já ajudou alguém, está ótimo. Mas deixa eu falar uma coisa a vocês* (estávamos eu e Raissa). E seguiu explicando: *A roda da minha cadeira travou e precisei de ajuda. Foi logo ali, bem na frente daqueles policiais. Virei para eles e perguntei se alguém poderia me ajudar com algum dinheiro para consertar a roda. Comer ficaria para depois. Eu precisava mesmo, naquele momento, era consertar a roda para voltar a me mover e continuar pedindo ajuda para sobreviver.* Segundo ela, ninguém sequer se moveu. Nenhuma resposta. E retornou a protestar, questionando: *Será que ninguém ali tinha dois reais para me ajudar? Eu duvido!* Em razão do ocorrido ela fez palestra, inquiriu mais os fardados, defendeu teses complexas, atacou com a produção social da criminalidade (lá a seu modo, claro). Falou que o Brasil não tem jeito, pois não se criam empregos e se deixam pessoas nas ruas morrendo à míngua. Citou o fato de o governo ter impedido os ambulantes de trabalharem por 10 dias, em razão da reunião do G-20. *Dez dias sem entrar dinheiro! Já pensou?* Falou mais. Cuspiu fogo. Demonstrou todo seu descontentamento, mas conversando olhando em meus olhos e nos tratando com respeito e até com algum afeto. Por fim, nos deixou calmamente com cumprimentos educados e seguiu seu caminho. Voltei a mirar a mobilização de professores que tinha me roubado a atenção assim que chegamos, antes mesmo do nosso amigo caramelo. Muitos docentes na rua. Alguns sobre o carro de som proferindo palavras de ordem e questionando um projeto de lei. *É greevee! Uh! É greevee! Uh! O professor na rua, Paes a culpa é sua! O professor na rua, Paes a culpa é sua! Trabalhadoooor... olhe pra cá, estamos aqui p'ra seu filho estudar!* Pelo que pude ouvir, o PL-186, ou pacote de maldades, para os docentes, em sendo aprovado impactará ainda mais o cotidiano e a dinâmica do trabalho dos professores e professoras. Ouvi ainda alguém falar que tinha a ver com contratos temporários e com o aumento do tempo de trabalho. Fui pesquisar.

Encontrei informações na página do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Estado do Rio de Janeiro. Lá havia um excerto dizendo: *“O Projeto de Lei Complementar 186/2024 retira e ataca direitos dos servidores municipais, como férias e licença especial, e faz com que os professores deem mais aulas, perdendo tempo de planejamento.”* Segundo o texto do sindicato, *“a prefeitura quer ampliar a quantidade de aulas de cada professor em até 24 aulas.”* Só mais exemplos da intensificação do trabalho e da precarização, que bebem da fonte da neoliberalização imposta ao serviço público em nosso país, acertando em cheio a educação. Isso foi na terça-feira, dia 26 de novembro. O cenário era a Cinelândia. De frente à Fundação Biblioteca Nacional, o Teatro Municipal e a Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Enquanto os docentes protestavam próximo ao monumento a Floriano Peixoto, os ambulantes seguiam trabalhando. Alguns um pouco mais, vendendo água aos manifestantes. As pessoas em situação de rua seguiam pedindo, sobrevivendo. No bar da esquina (*Amarelinho da Cinelândia*), pessoas comiam e bebiam, garçons serviam, curiosos observavam. À frente passavam engravatados, talvez em direção à Câmara Municipal. Supus que fossem vereadores ou seus assessores. Todavia, havia algo mais a destacar. Defronte ao prédio da Câmara, na saída que dá para a Praça Floriano Peixoto, um bom bocado de policiais. Havia viaturas em profusão. Das comuns e de equipes táticas. Fardas de cores variadas. Trabalhadores em atuação, pensei. Servidores da segurança pública no cumprimento de ordens, imaginei. Até aí, tudo certo. Ou talvez não. Quando nos levantamos e caminhamos pela manifestação, lá me vem outra cena de cão. Estava indo tudo dentro dos conformes. A vida complexa, multifacetada, carregada de contradições ali diante de nossos olhos. A banalização do funcionamento de uma sociedade desigual. Até aí, sem novidades. Não fosse um “amostradinho” que, num ato exibicionista, em tom ameaçador, felizmente ignorado pelos docentes, passou pela manifestação seguindo dois de seus colegas, com o cacetete em mãos. Ao balançá-lo como criança exibindo um brinquedo novo, me lembrou nosso amigo peludo. Ele parecia querer dizer: *Quem manda aqui sou eu.* Quis parecer forte. Demonstrar poder. Não consegui discernir o motivo para tal ato (não um motivo justificável). A estranheza me levou a imaginar que a coisa poderia desandar. Felizmente nada ocorreu. Depois, sentados no Amarelinho da Cinelândia, acompanhando o andamento da manifestação, voltei a refletir sobre aquela atitude leviana e irracional. Cheguei a elucubrar se não teria sido aquela uma atitude canina. Todavia, recuei.

.....

A meu ver a alcunha de atitude canina do meganha faz mais sentido do que a que fez nosso amigo caramelo. Do cão de guarda com seu cacetete, me pareceu mesmo apenas demonstração de estupidez.

■ ■ ■